ANO XX — Lisboa, Abril de 1964 — N.º 228

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL VAI ELEGER NOVOS DIRIGENTES

— oportunas declarações do seu dirigente, Dr. Eugénio Ramos

Já há alguns meses que, nas esferas mais ou menos ligadas ao movimento escotista, se tem abordado o problema dos corpos directivos da Fraternal dos Antigos Escoteiros. Realmente, o termo do mandato regulamentar dos actuais dirigentes foi atingido há meses, pelo que se tem esperado a realização das novas eleições a fim de que, com os novos timoneiros, a Fraternal goze dos benefícios que o despertamento provocado pelo render da guarda dá habitualmente às instituições.

Como o tempo tem passado sem nada de positivo ter chegado ao nosso conhecimento que permitisse satisfazer a legítima curiosidade dos nossos leitores, decidimos avistar-nos com o presidente da Direcção que ainda está em exercício, o sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, resolução que, como aliás esperávamos, foi coroada do maior êxito.

Este conhecido dirigente escotista, nosso prezado amigo, assinante e colaborador dedicado, com aquela amabilidade e franqueza que lhe são peculiares, imediatamente se dispôs a responder às nossas perguntas.

Quando inquirimos o que havia sobre as eleições da Fraternal, o nosso interlocutor começou por lembrar determinados acontecimentos, ocorridos no decurso da gerência, que alteraram um tanto o ritmo de trabalho da Fraternal.

— Como sabe — disse-nos — esta agremiação é apenas um pequeno barco. Qualquer vendaval, por isso mesmo, a faz balouçar incòmodamente. Por outro lado, somos poucos elementos, o que torna difícil a substituição dos que estão em actividade, dado que os nomes falados são quase sempre os mesmos.

«As ocorrências de que falei vieram afectar um pouco a normalidade, direi mesmo, a tranquilidade da vida associativa. Não havia, portanto, o ambiente ideal para se processar regularmente a vida desta instituição. Esperei que as coisas se modificassem para melhor, mas, como o tempo passa veloz, atingiu-se o termo do mandato sem as listas estarem organizadas, o que impediu a reunião do Conselho Nacional na altura devida.

E o Dr. Eugénio Ramos continua a sua exposição.

— A vida da Fraternal entrou, então, numa situação irregular, ilegal mesmo. Tal estado de coisas não era propício à realização de actividades de fundo, visto que tínhamos a consciência de que, em breve, abandonaríamos as nossas funções. Cientes de que já não era possível evitar uma situação irregular, descurámos um pouco a resolução do problema. Mas eu não me sentia bem nessa posição e um dia resolvi reagir contra a anomalia. «Isto não pode continuar!» disse para os meus colaboradores. Troquei, então, impressões com eles e foi assim que se decidiu fazer aquela reunião que o *Sempre Pronto* noticiou e que se efectuou em 23 de Outubro.



DR EUGÉNIO RAMOS

O que o nosso interlocutor acabava de relatar reflecte perfeitamente o escrúpulo que todos estamos habituados a admirar nas suas atitudes. Homem recto, escoteiro de espírito e de coração, tínhamos a certeza que, além das suas absorventes ocupações profissionais, só motivos imperiosos o teriam impedido de conduzir a Fraternal pelos caminhos da normalidade regulamentar. Foi com este convencimento que quisemos aclarar mais o assunto:

— E o que resultou dessa reunião? — perguntámos.

— Não se chegou a uma solução completa, mas deu-se um passo importante. Alguns dos elementos indigitados aceitaram, em princípio, a candidatura e prestaram-se até a completar o elenco

Segue na pág. 8

Conversando com os Chefes da Tribo

Os despretensiosos apontamentos que se seguem, e que serão os temas das nossas conversas, foram colhidos directamente de conversações com o sr. Dr. Ribeiro dos Santos, digno escoteiro-chefe brasileiro, quando da sua estadia entre nós, em 1961, para o I Curso da Insígnia de Madeira organizado pela A. E. P., através do seu D. C. C., Engenheiro Nobre Santos, e do chefe de I. M José Eduardo Ribeiro.

Pena foi que a incompreensão de alguns individuos inscritos, não lhes permitisse a sua participação no Curso, incompreensão que só os prejudicou, porque perderam desse modo uma oportunidade de aprender algo diferente sobre como praticar Escotismo.

O Chefe Ribeiro dos Santos foi duma amabilidade sem limites, respondendo a todas as perguntas que lhe fizemos e explicando pontos obscuros para nós.

Tal foi o seu entusiasmo em ensinar, que no aeroporto, na despedida, quando nos apertava a mão, ainda nos perguntava: «Há mais alguma pergunta?».

Embora tardiamente, e porque só agora vêm a lume os apontamentos colhidos, o nosso agradecimento ao Chefe Ribeiro dos Santos pela sua disposição em responder às nossas perguntas.

ARMANDO INÁCIO

I — A importância total do sistema de patrulhas na vida da tribo:

«Tribo que não funcione sob o sistema de patrulhas, pode praticar tudo, menos Escotismo».

«O sistema de patrulhas é o elo de segurança da tribo, e nada o poderá substituir. Qualquer empreendimento que se faça sem ele será o fracasso total da tribo».

(Ribeiro dos Santos)

— Qual tem sido a razão do enfraquecimento do Escotismo na nossa Associação?

— Razões há muitas, desde o descontrole associativo a grupos mal orientados; no entanto, um factor predomina na desorientação escotista: a falta do Sistema de Patrulhas nas Divisões Escoteiras.

— Mas não se poderá fazer escotismo sem o Sistema de Rolland Philips? É de capital importância seguir-se o sistema?

— Com certeza que os prezados Chefes de Tribo já leram o livrinho no qual o sistema vem referido. Verificaram, portanto, que uma coisa salta à vista: a responsabilidade dos guias na direcção das suas patrulhas e no conjunto da vida tribal. Os guias de patrulha têm o dever de guiar, ensinar, entusiasmar os seus rapazes, e, ainda, de promover actividades e conhecer a fundo todas as coisas que se passam na tribo.

Ora se assim se fizer, o entusiasmo crescerá e a crise escoteira desaparecerá; pelo contrário, se o Chefe de Divisão quiser fazer tudo, promovendo actividades, concursos, recompensas, castigos, etc., apenas por sua própria vontade, está tirando autoridade aos guias, que se vêem peças de máquinas nas mãos desse chefe inconsciente, desaparecendo toda a sua iniciativa.

Eis a razão por que o sistema é de capital importância, visto ser uma fonte enérgica de iniciativa, que jamais se esgotará.

Qual será então o papel do Chefe de Tribo? O de irmão mais velho. conselha; conversa com o guia; estuda os problemas com ele; resolve as dificuldades que o guia não consegue anular e lhe pede solução; orienta; vigia e terá uma mão disciplinadora no momento necessário, não sendo preciso mais nada pois o entusiasmo dos rapazes fará o resto.

Parece que vale a pena meditar nas palavras do Chefe Ribeiro dos Santos «...o sistema é o elo de segurança da tribo. . qualquer empreendimento que se faça sem ele será o fracasso total da Tribo».

II — A responsabilidade dos Guias de Patrulha

Os chefes de tribo devem dar aos guias de patrulha toda a responsabilidade da mesma e ainda toda a sua confiança — ainda que algum não a mereça inteiramente — proporcionando assim ao guia todas as possibilidades de trabalho e acção.

Mas precisamos frisar que esta confiança e responsabilidade é dada sòmente ao guia.

O subguia é apenas o ajudante do guia, e adiante veremos como ele deve ser «manejado» através do chefe.

Vejamos agora esta interessante comparação entre a actividade das patrulhas com o chefe da tribo

SEGUE NA PÁG. 6

Convém saber...

UM AVISO PARA AS DONAS DE CASA

A lixívia não deve nunca ser misturada a outros produtos de limpeza, que devem ser guardados sempre em locais separados e longe de produtos alimentares. As crianças devem ser mantidas fora do alcance destes produtos.

Recentemente, nos Estados Unidos, no estado de Washington, foram registados dois casos em que as donas de casa sofreram graves acidentes ao limpar loiças sanitárias. Não tendo ficado satisfeitas com os resultados obtidos com determinado produto comercial, para fazer desaparecer certas manchas, cada uma dessas senhoras adicionou a esse produto um pouco de lixívia e misturou com um piaçaba.

Uma destas senhoras morreu passados poucos minutos e a outra necessitou de um largo período de hospitalização e tratamento.

Aqui fica o aviso, estimada Leitora.

LIGA DOS ESCOTEIROS ESPERANTISTAS

(Skolta Esperantista Ligo)

Esta conhecida associação mundial, que agrupa escoteiros esperantistas de todos os países, tem agora um representante em Portugal, na pessoa do nosso dedicado amigo e companheiro sr. João Patrício de Melo, antigo escoteiro e membro da nossa Fraternal.

Os escoteiros esperantistas portugueses, do Continente, Ilhas e Ultramar, que pretendam inscrever-se como membros da S. E. L. ou assinar o seu órgão *La Skolta Mondo* (O Mundo Escoteiro), deverão dirigir-se ao representante em Portugal, que lhes prestará todos os esclarecimentos, para a Rua Jacinto Nunes, n.º 17, 3.º-Dto., em Lisboa-1, ou para a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Rua de S. Paulo, 254, 1.º, em Lisboa-2.

Voltando à «Vaca Fria»

O título pertence ao apreciado artigo do nosso dedicado colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira e ao mesmo se refere. Mas também poderia relacionar-se com a volta ao problema das «gralhas». No trabalho citado dizia-se: *«Deus, o Optífice, a Arte, o Instrumento»*. O Tipógrafo escreveu *Opípece*, a revisão assinalou o erro, mas a tipografia não fez a emenda. Pedimos muita desculpa ao ilustre Autor e aos estimados Leitores.

CARTA DE ANGOLA

OS BOCHIMANES — UM ESTRANHO POVO

Habituámo-nos a conhecer o homem pela sua maneira de vestir. Se se nos apresenta com elegância, supomos um indivíduo de forte personalidade e de boa colocação na vida, mas se, ao invés, se nos depara uma pessoa pobremente ou despreocupadamente vestida, é lógico que idealizemos um indivíduo sem personalidade e de fraca posição social.

Mas quando o indivíduo em causa veste um uniforme igual ao de tantos outros, como sucede no exército, em cujas fileiras actualmente me encontro, só com algum tempo de convivência nos é possível distinguir um indivíduo de personalidade forte doutro de fraca presença.

A ideia, que acabei de expor, vem a propósito dum colega que conheci na unidade onde me encontro prestando serviço militar. Para mim era apenas um soldado como eu e tantos outros que envergam o mesmo fardamento. Por mera casualidade, encontrei-me com ele numa das avenidas desta linda capital angolana. Cumprimentámo-nos e fomos tomar uma «bica». Não tardou muito, para que a minha ideia sobre aquele colega sofresse profunda alteração. É que não me encontrava apenas perante um companheiro, mas, mais do que isso, junto de um jovem, que estudou e ensinou na Casa Pia de Lisboa e que há uns anos se encontrava numa missão especial no sul desta nossa província ultramarina.

Até este momento, pouco ou nada poderá existir de importante, todavia, achei bastante curioso e de interesse o que ele me contou sobre a vida das gentes daquela região, pela analogia que lhe encontro com o Ideal do Escotismo:

— Abandonei a nossa Lisboa, apenas com o objectivo de estudar aquilo que ainda não sabia e de ensinar aquilo que aprendi aos que, por várias razões, andam necessitados do auxílio de homens de boa vontade. O meu primeiro passo foi estudar a língua e o modo de viver daquelas tribos, para depois então me dedicar ao trabalho de ensinar a nossa língua e de lhes dar um pouco de luz, sobre a vida do homem actual. — Foram estas as primeiras palavras do Carlos Santos. Seguidamente acrescentou:

— Quando a proposta me foi apresentada, e antes de ter tomado este rumo, surgiram alguns obstáculos, mas pude finalmente obter todas as licenças e passagens.

Solicitando-lhe que me esclarecesse sobre as facilidades ou dificuldades encontradas no desempenho da sua missão, o Carlos declarou:

— Com os Bochimanes, (nome que se dá aos nativos daquela região) as próprias dificuldades, que se me depararam, mais me atraíram e aumentaram o gosto pelo trabalho. Entretanto, surgiu um enorme contra-tempo, que espero seja resolvido dentro em breve, para assim poder voltar para junto daqueles que me esperam, há já algumas «Luas». Trata-se, como deves calcular, do serviço militar.

«É para mim uma grande honra servir a Pátria, mas igualmente penso, que cumprindo aquela missão que me foi confiada no sul desta província, onde, a par das dificuldades de adaptação, temos frequentemente de enfrentar animais selvagens, leões, hipopótamos, crocodilos, hienas e várias serpentes, penso que, do mesmo modo, estou trabalhando para o engrandecimento e defesa da nossa Pátria.

— Quais as diferenças mais salientes que encontraste, na maneira de viver dos Bochimanes?

— Foram inúmeras, pois os Bochimanes são autênticos nómadas, como tal, não me era possível fixá-los naquele local. Não construíam abrigos para se defenderem do tempo e dos animais selvagens; por onde iam passando colhiam ramos de árvores e camuflavam-se; o seu vestuário era apenas um bocado de pele de animal, que lhes cobria o sexo; a linguagem baseia-se em estalidos provocados pela contracção da língua com os dentes, pois não usam sons nasais. Ao contrário daquilo que seria de supor, a sua cor de pele não é preta, mas sim, um amarelo torrado, os olhos estão colocados obliquamente e o seu rosto faz lembrar o dos povos orientais.

«A pouco e pouco fui atraindo a atenção dos Bochimanes com brinquedos, fotografias, livros e com o meu próprio vestuário. Quero lembrar-te aqui que a maior alegria que eles manifestaram foi quando o meu companheiro francês regressou duma viagem ao seu país e lhes trouxe casacos.

«Quando pela primeira vez

Segue na pág. 5

Calendário de Abril

Dia 4 — Aniversário do Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António

Dia 9 — 52.º aniversário do Grupo n.º 1, de Lisboa.

Dia 15 — 2.º aniversário da Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, do Porto.

Dia 23 — Dia do Escoteiro (Dia de S. Jorge).

12.º aniversário do Grupo n.º 10, de Lisboa.

Mensalmente publicaremos este Calendário com as efemérides de que tivermos conhecimento

Fundamentos do Método Escoteiro

O MÉTODO

Uma das características específicas do Escotismo é de ser um método de treino idealizado e aperfeiçoado por B. P., pelas experiências directas que teve de realizar durante o adestramento de jovens soldados como batedores-caçadores do exército na Índia e em África. Ele verificou que esses jovens necessitavam principalmente de qualidades de carácter tais como espírito de iniciativa, confiança em si próprios e poder de decisão, além das oportunidades que permitissem desenvolver essas qualidades, não sòmente dentro de um ambiente atractivo de treino mas também do carácter. As lições que ele tirou nesse campo de instrução de soldados aplicou-as mais tarde com proveito na educação e treinamento de rapazes.

(Continua)

Tradução pelo sr. Eng.º J. M. Nobre Santos, do folheto «Fundamentals of the Scout Method».

Assinantes de Moçambique

Em virtude de se encontrar suspenso o serviço de cobranças postais para Moçambique e porque a cobrança dentro desta Província nos ficaria dispendiosa, mais uma vez pedimos aos nossos estimados assinantes aí residentes o favor de remeterem a quantia de Esc. 30$00 da sua quota anual para o nosso Delegado:

Alfredo Bandeira Rodrigues, Lusalite-Dondo-Beira - Moçambique.

CURIOSIDADES

Estando o vento favorável, um elefante pode farejar a presença de um ser humano à distância de um quilómetro.

Um casal de coelhos pode ter um milhão de descendentes em quatro anos.

CAMARINHAS

Certamente os nossos leitores conhecem o fruto silvestre conhecido por este nome. As camarinhas são umas bagas pequenas, brancas e redondas como pérolas. Têm um sabor agradável, são bom calmante para as febres e um excelente vermífugo. Estes frutos são produzidos por uma espécie de urze que parece só se encontrar em Portugal.

A ALIMENTAÇÃO DOS LEEFANTES E DOS RATOS

Se um elefante comesse tanto como um rato, proporcionalmente ao seu tamanho, consumiria dez toneladas de forragem por dia.

Transformação

V	E	N	T	O	
x	x	x	x	x	Vagaroso
x	x	x	x	x	Cama
x	x	x	x	x	Parte do corpo
x	x	x	x	x	Próximo
x	x	x	x	x	Cidade de Portugal
x	x	x	x	x	Comportamento
N	O	R	T	E	

Transformar a palavra *Vento* em *Norte*, passando por 6 palavras intermediárias, e mudando apenas uma letra de cada vez.

As aparências iludem...

Diz-se que há muitos anos um rei quis saber qual dos seus ministros era mais perspicaz. Para isso encheu um grande vaso de areia, por entre a qual assomavam duas maçãs. O rei reuniu então os seus ministros e fez-lhes a seguinte pergunta:

— Quantas maçãs pensais vós que estão neste vaso?

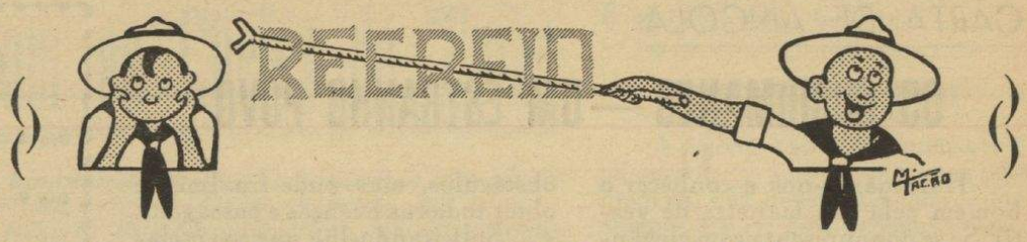
— Majestade: Nós vimos duas! — responderam os ministros em coro.

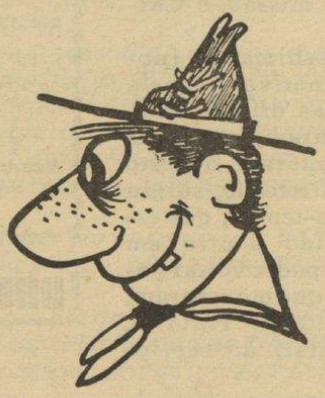
— Pois enganam-se — retorquiu o soberano, enquanto levantava uma delas mostrando-lhes que faltava a metade da maçã que parecia estar metida na areia.

— Então, naturalmente, só há uma disseram os ministros muito convencidos.

— Novamente se enganaram — disse o rei e retirou da areia a outra maçã, que estava inteira.

Daqui se conclui que não devemos julgar pelas simples aparências.





AS DESVENTURAS DO *Zé Escoteiro*

O Zé comprou um cantil

A patrulha do Zé já fez o primeiro acampamento deste ano, ali para os lados de Sacavém. O Guia tinha feito as necessárias recomendações acerca do equipamento, e o nosso Zé preparou-se devidamente. No dia da partida apresentou-se convenientemente equipado e até ostentava um formidável cantil. Toda a patrulha teceu os maiores elogios ao grande cantil do Zé.

— Sede já nós não passamos — diziam — o Zé traz água para todos!

E a patrulha lá marchou a caminho do acampamento. Ao chegar perto de Sacavém, deparou-se-lhes um grupo de populares. Aproximaram-se para ver de que se tratava e encontraram uma mulherzinha com um ataque de insolação, Prontificaram-se imediatamente a socorrer.

Fizeram afastar os curiosos para que o ar circulasse, desapertaram-lhe as roupas, puseram a doente à sombra, e o Guia volta-se para o nosso Zé e diz-lhe:

— Dá cá o cantil!

O Zé ficou logo aflito. — Não, Guia, não posso dar. Isto é para beber no acampamento.

Todos olharam espantados para o Zé. Então um Escoteiro negava-se a dar água para socorrer uma doente! Era inconcebível! Só o *patatenra* do Zé Escoteiro seria capaz de uma coisa dessas.

O Guia insistiu:

— Depressa. Dá-me o cantil!

O Zé, muito vermelho, procurou fugir. Mas um dos Escoteiros, num gesto rápido, arrancou-lhe o cantil do cinto, destapou-o, e derramou ràpidamente o líquido no rosto da doente.

Esta recuperou imediatamente os sentidos, enquanto pelas suas faces e pelos seus vestidos corria abundantemente uma *água roxa*, nada própria do cantil dum escoteiro.

* * *

Está cada vez mais estouvado o Zé Escoteiro. Não sei como ele se irá *safar* no primeiro Conselho de Patrulha.

ADIVINHAS

I

Eu no mar fui nascido
Sem peixe ser nem pescado,
Se a minha mãe eu tornar
Serei logo consumido.

II

Sou ave, penas não tenho,
Capa de ovelhas me cobra:
Sou criada numa árvore,
Coitadinha, sou tão pobre!

Soluções de Março

Adivinhas

I — Noz
II — Moinho
III — Cravo
IV — Aurélio

Perguntas de Algibeira

Tomar
Guarda
Devora
Bragal
Farol

Um problema que parece difícil...

O lavrador colheu 31 maçãs. Primeiro deu 16; depois deu 8; a seguir deu 4 e veio a ficar com 3.

PENSAMENTOS

Uma semana de amizade impura pode ser suficiente para sujar uma vida inteira.

Aquele que se recusa a reparar uma injustiça faz-se réu de segunda injustiça.

Um jovem sujeito a um vício — seja ele qual for — não é verdadeiramente livre

QUAIS SÃO AS LETRAS?

Quais são as letras misteriosas que, pondo-lhes um N antes. nos apontam o caminho; mudando o N em P indicam como vivemos; mudando o P em S indicam o destino de cada; mudando o S em F dizem-nos o que devemos ser quando tentados; mudando o F em C dizem-nos o que acontece se caímos, e mudando o C em M o que acontece se ao cairmos não nos levantamos? — E. M.

Solução: ORTE. — Norte, Porte, Sorte, Forte, Corte, Morte.

QUEM RESOLVE O PROBLEMA?

Um pastor distribuiu 105 ovelhas por 5 campos da seguinte maneira: Colocou no segundo campo o dobro das ovelhas que colocou no primeiro. No terceiro colocou o dobro das que pôs no segundo. E no quarto colocou o dobro das que pôs no terceiro. Quantas ficaram em cada campo?

CARTA DE ANGOLA

OS BOCHIMANES — UM ESTRANHO POVO

Continuado da pág. 3

lhes mostrei uma bola de borracha, todos fugiram. Mas, ao verem-me dar pequenos pontapés, voltaram sem medo e foi um delírio. Desde as crianças aos anciãos todos corriam atrás da bola; uns caíam, outros ficavam no chão a queixarem-se dum pé, que pontapeou em falso. Esta primeira experiência satisfez-me. A seguir à bola, mostrei-lhes um automóvel de corda; a cena repetiu-se de igual modo. A princípio, todos fugiram com medo, para depois todos quererem brincar com o carro miniatura.

«Assim consegui ganhar a presença dos Bochimanes. Passei a reunir-me com eles, sempre que era possível, num terreno próprio, mais tarde numa sala, construída por nós. Mostrei-lhes fotografias e livros. A foto duma hiena foi para eles uma coisa absurda. Colocavam-na de várias posições, mas tive de ser eu a fixá-la na posição exacta e dizer-lhes o que aquilo significava. Quando compreenderam, riram-se imenso.

«Mostrei-lhes um livro e depois em português disse para um: «Dá-me o livro». Olharam-me sem saberem o que eu pretendia, mas fiz o gesto e um estalido com a língua e eles então compreenderam. A partir deste dia, os que não erravam pelo interior da selva, nas aulas, já me pediam o livro, e em português diziam: «Dá-me o livro»! Ao terminar as reuniões, dizia sempre; «Vamos embora», e acompanhava isto com o respectivo gesto.

«Num dos dias seguintes, quando estávamos entretidos a cavar, para edificar mais uma casa, fui surpreendido por uma risota geral. E' que eles queriam dizer em português: «Vamos embora» e não eram capazes. Logo que os percebi, achei curioso e então terminámos o trabalho desse dia.

«Fiz-lhes a vontade simplesmente para poder manter a afeição que tinha conseguido adquirir até ali, coisa preciosa para o fim em vista.

«Como nómadas, que eram, não se fixavam. Por vezes desapareciam para só os voltar a ver passados uns quinze ou vinte dias. Mas, como iam uns e voltavam outros, sempre tinha com quem me entreter. Compreendi que era difícil modificar-lhes a vida que tinham até ali, de forma brusca, eu próprio lhes dizia que fossem, mas que voltassem. Um dia cheguei a dizer-lhes que iria com eles, ficaram pasmados e apenas me responderam: Se vai já não volta, porque morre!

«Depois explicaram-me que para onde eles vão não há água. Quando têm sede cortam uma árvore e extraem-lhe a seiva. Eis a razão por que não passam fome nem sede.

«Já me satisfazia quando iam e regressavam, como aliás estava sucedendo. Então aproveitei e fomos construindo casas, alguns foram-se tornando sedentários, e tenho esperança que dentro de algum tempo deixarão de existir nómadas naquela região. Contràriamente ao que é habitual, as raparigas bochimanes são mais selvagens do que os rapazes. Poucas são aquelas que tenho conseguido reunir. Talvez seja uma questão de sexo. Já encarei a hipótese de uma companhia do sexo oposto, mas qual é a jovem que estava disposta a abandonar o «paraíso» em que vivemos, para se entregar aos sacrifícios duma vida que já há muito foi ultrapassada na Europa e em grande parte do globo terrestre?

Aproveitando o entusiasmo com que o Carlos falava dos seus amigos, perguntei-lhe ainda:

— Foste só para aquela zona tua desconhecida?

— Sim, até ao posto da Administração de Derico, fui só, mas depois levei um guia que me conduziu num «jeep» até à missão, onde encontrei um português branco e dois seminaristas franceses. O português limitava-se à construção de casas, com a nossa colaboração, pois naquele local o espírito de equipa é indispensável.

«Quando lá cheguei, havia apenas duas casas, mas quando abalei ficaram doze construídas, o que dava já o aspecto duma aldeia». Prosseguindo, o Carlos afirmou:

— Poucos dias após a minha chegada, um dos franceses adoeceu e tivemos de o levar à Africa do Sul, pois no nosso território o ponto civilizado mais próximo ficava a cerca de 600 km. enquanto a fronteira se situa apenas a uns 50 km., a pouca distância temos uma vila, local onde ficámos com o nosso companheiro. Durante o caminho, o «jeep» ficava sucessivas vezes empanado na areia. Folhas de árvores e os próprios ramos eram a solução mais adequada. Aquele colega nosso lá ficou, para jamais o voltarmos a ver.

O rosto de Carlos indicava agora um perfeito sinal de nostalgía, porém, pouco tempo depois o seu sorriso característico de alma de pioneiro e homem de acção, voltou-lhe à face e, perante a minha curiosidade, acrescentou:

— Eu e o padre Foucald prosseguimos a nossa caminhada. Os animais selvagens, como já anteriormente tinha dito, foram outra grande preocupação, pois várias eram as vezes que as hienas e os leões e até hipopótamos nos faziam visita, comendo-nos galinhas e estragando as nossas hortas.

O crocodilo também ali existe, mas normalmente não se afasta mais de 1 km. das margens do rio, contudo, é suficiente para se irem alimentando principalmente de inválidos, que na impossibilidade de andarem, se deixam devorar por estas feras. O último crocodilo que ali mataram, tinha no estômago aproximadamente 2 kg. de argolas de metal, das que ornamentam as orelhas das mulheres nativas.

«O clima é outro factor que nos atormenta. O frio atinge 5 graus negativos; os ventos fortes, tal como as baixas temperaturas, deixam-nos por vezes sem comida, porque se estragam as hortas».

— Com todos esses inconvenientes ainda sentes ânimo para voltar ao convívio dos Bochimanes? — perguntámos.

— Apesar da vida, que por força das circunstâncias sou obrigado a passar, sinto-me feliz naquela missão de bem fazer.

E concluiu:

— Aguardo, entretanto, que o meu pedido seja deferido, para em breve poder regressar para junto daqueles, que neste momento, muito possìvelmente, já não acreditam no meu regresso. Ao mesmo tempo gostaria de encontrar mais outros colegas, incluindo jovens do sexo oposto, pois só dois, somos poucos... São precisos mais. Com o sacrifício de todos nós, Portugueses, então será possível continuar vivendo felizes e mostrarmos ao Mundo quem somos e o que fizemos.

ANTÓNIO AMÊNDOA

Sempre Pronto *espera que jovens, mesmo que não sejam escoteiros, se apresentem para colaborar nos trabalhos da Redacção. Precisamos de gente nova, que sinta os ideais escoteiros, e deseje cooperar nesta obra, a bem da educação e da cultura.*

Conversando com os Chefes da Tribo

Continuado da página 2

dada pelo Chefe Ribeiro dos Santos: «Imaginem que vocês (chefes) estão numa grande casa comercial que desenvolve vários ramos. O vosso papel será apenas de gerentes; as patrulhas através dos guias dão-vos conta do andamento da actividade. Vocês não têm que se meter na produção, mas apenas observar os resultados».

O Chefe não deverá nunca intrometer-se na actividade da patrulha, se quiser saber como as coisas marcham pedirá esclarecimentos ao guia.

Desta maneira, jamais dará uma ordem ao escoteiro. *A primeira vez que fizer isso abalará a personalidade do Guia*, e introduzirá imediatamente a desconfiança na patrulha.

Todas as ordens ou comunicações que tiver de dar, devem ser única e exclusivamente por intermédio do guia. Tão-pouco receberá qualquer queixa de um escoteiro que não venha pela boca do seu guia, no conselho de guias ou particularmente.

Se assim procedermos, os guias tomarão a sério o seu papel, suas patrulhas serão fortes e entusiastas e o escotismo não definha. Mas o interessante é que o trabalho assim elaborado trará um futuro de apreciáveis benefícios, pois com guias treinados desta forma, amanhã estarão aptos a dirigir homens e empresas e os escoteiros de igual modo, pois que seguiram de perto o exemplo do guia.

Concluindo, diremos que o guia é a ponte entre a patrulha e o chefe, devemos por isso dar-lhe a máxima importância e colocá-lo sempre no lugar próprio.

O Subguia

O subguia é apenas o auxiliar do guia. No conselho de guias só têm lugar, quando os guias estão ausentes, de contrário não devem estar presentes.

Surge agora a pergunta: Como é que o subguia auxilia o guia e como é treinado?

O subguia é instruído pelo seu guia como qualquer escoteiro. O Chefe pode, no entanto, de quando em vez, dar-lhe a oportunidade de dirigir a patrulha, procedendo deste modo: arranja para uma reunião diversos trabalhos para as patrulhas executarem, pedindo ao guia que deixe a orientação da patrulha ao cuidado do seu ajudante e que venha à sua presença. Aos guias ensina-lhes qualquer coisa de nova matéria, dando tempo a que as patrulhas tenham concluído sob a direcção do subguia os trabalhos primeiramente distribuídos Quando tudo tiver terminado, os guias dirigem-se às patrulhas e ensinam o que aprenderam com o Chefe.

Esquematizando:

Para quatro patrulhas. O Chefe entrega a cada guia um papel com a seguinte mensagem: «*Executem uma maca com espia e varas; ligadura para braço partido; uma amarração em cruzeta e a planta da sede* — o guia deve entregar estes trabalhos ao cuidado do seu ajudante e vir imediatamente à minha presença».

Chegados à presença do Chefe, este ensina, por exemplo, como se faz uma pinha para o cordão de apito. Os guias depois ensinam isto aos escoteiros.

Como observamos, poderemos de vez em quando, tanto no campo como na sede, dar ao subguia a oportunidade de chefiar a patrulha.

Também será útil incitarmos os guias a ensinarem primeiro os ajudantes para que estes os possam auxiliar na orientação da patrulha.

Convém, no entanto, notar que é ao guia que devemos dar o máximo apoio. O subguia tem um papel secundário na patrulha, que se confunde pràticamente com qualquer outro escoteiro. *(Continua)*



O PRINCIPE PERFEITO

— Que andas tu a ler? — perguntou Jorge. ao seu colega Alberto, quando o encontrou na biblioteca do liceu.

— Um livro sobre D. João II, o *Príncipe Perfeito*. Considero-o o maior rei português.

— E tens razão, Alberto. De nenhum rei se conhecem tantos episódios curiosos como a seu respeito, episódios esses reveladores das suas altíssimas qualidades. Queres ouvir alguns?

— Ora essa! Bem sabes que sim...

— Ora ouve o primeiro. Um fidalgo gostava tanto de vinho que bebia em excesso. O monarca mandou-o vir à sua presença e o homem, para disfarçar o cheiro do vinho, tinha mastigado folhas de louro. Então, o rei, sorrindo, perguntou-lhe: *Então, Fulano, a como vale a canada debaixo desse louro?* Pois, daí para o futuro, o fidalgo emendou-se.

— Boa observação. Realmente, em muitas tabernas há pendurado à porta um ramo de louro.

— Agora, ouve lá outra historieta. Certa vez, estava D. João II sentado junto dum bufete, com o rosto virado para a parede, quando passou por detrás dele o prior do Crato, D. Diogo de Almeida, que, julgando que o rei não o via, não tirou a gorra. Mas a D. João II é que nada escapava, e foi dizendo ao prior: *Afastai-vos lá, não sabeis que os reis não têm direito nem avesso?*

— Era muito vivo esse rei!

— Mas vais ouvir outro episódio. Havendo paz entre Portugal e França, os franceses tomaram uma caravela, que vinha da Mina com muito ouro. Reuniu-se o conselho e todos eram de opinião que se reclamasse, enviando um embaixador ao rei de França. D. João II calou-se e não disse nada. Como estivessem em Lisboa dez navios franceses carregados de mercadorias, mandou-os tomar, meteu-lhes tripulação portuguesa e fez recolher as mercadorias na Alfândega. Em todo o País se fez o mesmo. Claro está que o rei de França restituiu logo a caravela com todo o ouro, sem faltar uma dobra. D. João II deu ordem para que fossem restituídos os navios e as mercadorias, mas como faltasse um papagaio na nossa caravela, não foi levantado o embargo sem a ave ser entregue.

— Quer dizer, D. João II reclamou, não tanto pelo ouro mas pelo respeito devido à nossa soberania.

— Justamente. Agora, outro episódio. Um tal Heitor Borralho, cavaleiro da casa de el-rei, veio da Mina como capitão duma caravela. D. João II perguntou-lhe

Segue na pág. 7

O Príncipe Perfeito

Seguimento da pág. 6

por que razão vinha ele tão branco e mimoso. Borralho respondeu-lhe: *Senhor, fui, estive e vim sempre muito embuçado com gorra, sombreiro e luvas.* Então, o rei disse-lhe: *Melhor fora vir negro como homem, do que alvo como mulher; quem isso faz não é para nada.* E, desprezìvelmente, voltou-lhe as costas.

— Boa resposta! — exclamou o Alberto.

— Certa vez, D. João II foi visitar a cadeia e viu lá um homem com grandes barbas. Perguntou a um dos da sua comitiva a razão. Respondeu-lhe o fidalgo: *Porque tinha proferido uma palavra atrevida contra el-rei.* Então D. João II retorquiu bondosamente: *Pois por isso tendes há tanto tempo preso o homem? Ora soltai-o e dai-lhe dinheiro para fazer a barba...*

— Por isso se vê que D. João II não era mau, como afirmavam os seus inimigos...

— Uma vez, D. João II pediu água. Apresentou-se-lhe um fidalgo velho que andara nas guerras de África, mas, ao aproximar-se, caiu-lhe a taça da bandeja, por as suas mãos estarem trémulas. Os cortesãos sorriram, mas o monarca repreendeu-os: *De que rides? Se aqui lhe caiu das mão a taça, nunca lhe caiu a lança em África.*

— Ainda sabes mais alguma?

— Posso contar-te ainda mais duas. Estando D. João II sem dinheiro em Tavira e precisando aprestar um navio, mandou pedir a um tal Pedro Pantoja se lhe emprestava 600 000 réis por sete ou oito dias, enquanto não chegava o dinheiro de Lisboa, onde o mandara pedir. Pantoja foi logo levar a importância ao rei, agradecendo-lhe ainda a honra de lho ter pedido. Ora, cinco dias depois, chegou o dinheiro e D. João II mandou dar ao Pantoja 700 000 réis. Ele não quis aceitar, dizendo-lhe que era lucro demasiado para pouco tempo. Então, o monarca respondeu-lhe: *Ora, pois, que vos agravais, tomai 800 000 réis e, se falais mais, tomareis 900 000 réis! E' assim que eu agradeço os serviços que me prestam...*

— Grande rei! — exclamou Alberto.

— Agora, lá vai o último episódio desta série. D. João II apreciava muito um tal João Álvares, homem inteligente e útil. Embora fosse filho dum almocreve, fê-lo muito rico e cavaleiro da casa real. Mas, como lhe constasse que João Álvares encontrara o pai almocreve numa estrada, conduzindo as mulas, e não fizera caso dele, mandou-lhe dizer que não aparecesse mais na sua presença, *porque um homem que desprezava o pai não merecia confiança.*

MANUEL FERREIRA

QUESTÕES DE LINGUAGEM

Seria talvez preferível grafar o substantivo português moderno *ESCOTEIRO* como os substantivos e adjectivos portugueses que nunca se escreveram com *U*

— afirma o ilustre professor Sr. Dr. José Pedro Machado

O suplemento «Magazine», que «Diário de Lisboa» publica ao sábado, inseriu em 22 de Fevereiro este interessante estudo sobre a grafia da palavra «escoteiro» ou «escuteiro», que aqui transcrevemos, verificando com prazer que o autorizado parecer daquele Professor vem ao encontro do que aqui se tem dito sobre o assunto.

«Escoteiro» ou «escuteiro»?

Antenor Nascentes, no seu Dicionário de Dúvidas e Dificuldades do Idioma Nacional (4.ª edição, Rio de Janeiro, 1962), escreveu: «*Boy-scout* — Diga-se *escoteiro*». A pronúncia brasileira corresponde (com ó, mais vezes com ô) a esta grafia, mas, no português europeu, quer *escoteiro* quer *escuteiro* pronunciam-se do mesmo modo.

O adjectivo português *escoteiro* ro também.

Nada tem que ver com *escote*, «contribuição», ou com *escoto*, «escocês», apesar do que dizem certos dicionários. Significa «sem bagagem», «leve», «rápido»: «...ficando os homens *escoteiros* e despejados para andar o caminho», Gaspar Correia, *Lendas da Índia* IV, p. 202: «As sétias eram velozes e *escoteiras*», Camilo, *O Santo lo da Montanha*, cap. 32, 3.ª edição.

Seria de origem diversa o substantivo *escoteiro* pertencente à linguagem náutica, pois designou o marinheiro que coadjuvava o fiel da artilharia e estava encarregado do material que se guardava na *escoteira* por onde passavam as *escotas* dos navios veleiros.

A significação do adjectivo português lembraria o do substantivo inglês *scout* empregado para designar soldado avançado que corre o campo para saber o que faz o inimigo (em francês *éclaireur*), forçosamente sem bagagens e lépido.

Tudo isto ajuda a compreender o antigo emprego do vocábulo *corredor* em idêntica acepção.

Nascentes, na obra citada, traz: «*Scout* — Diga-se *vedeta*» Significaria talvez o mesmo que o antigo português *almogáber, almogáver, almogavre, almograve* (cf.: José Pedro Machado, *Dicionário Elimológico da Língua Portuguesa*, s. v. *almogáver*; idem, *Influência Arábica no Vocabulário Português*, s. v.) e o português *escuta* pois o «espia», na frente da luta não age carregado com bagagens. Quiçá de outro modo iria o *escuca*, «espia» internado em terra inimiga.

O inglês *scout* e o português *escuta* derivaram em épocas diferentes do francês antigo e médio *escoute*, «espia», «espião» (esta forma a mais vulgar no Brasil). O fr. antigo *escoute* é deverbal de *escouter*. «escutar», port. ant. *ascoitar, ascuitar* este do lat. vulgar *ascultare*, equivalente do lat. clas. *auscultare* donde o port. moderno culto *auscultar*. *Ascutar* (na versão portuguesa da *Demanda do Santo Graal*, século XIV) deve ser galicismo.

Quanto ao *boy-scout*, membro da espécie de milícia educativa organizada por Baden-Powell, o seu nome (já em 1915 e durante dezenas de anos gratado *escoteiro* em Portugal) teria sido pronunciado à francesa e reconhecido no port. *escuta*, como ainda hoje aqui alguns o chamam. No Brasil, o *ou* de *scout* seria lido *ô* à portuguesa. A lembrança do já existente vocábulo português *escoteiro* fez eliminar *boy*, que permaneceu em francês (1910).

Seria talvez preferível grafar o substantivo português moderno *escoteiro* como os substantivos e adjectivos portugueses, que nunca se escreveram com *u*. Evitar-se-iam a lembrança de *escuta*, «espia», e mais uma desnecessária diferença da ortografia usada no Brasil.

Além disso, a pronúncia portuguesa não se lhe oporia, como a brasileira se opõe a *escuteiro*.

O *Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, aparecido em 1947 e coordenado por filólogos brasileiros e portugueses, segundo o acordo (não acatado além-Atlântico), regista: «*escuteiro*, s. m. No Brasil, *escoteiro*. — JOSÉ PEDRO MACHADO

Este número foi visado pela Comissão de Censura

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

N.º 228

ABRIL de 1964

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal vai eleger Novos Corpos Gerentes

— oportunas declarações do seu presidente, Dr. Eugénio Ramos

Seguimento da pág. 1

e a consultar certos elementos ausentes, dado que não fazia sentido que nas listas figurassem nomes que não fossem aceites por essas pessoas.

«Estávamos a caminhar deliberadamente para sanar o problema. Semanas depois, após uma primeira conversa, ficaram compostas as listas, embora ainda em projecto.

«Em princípios do mês passado houve nova reunião para assentar definitivamente nas listas. Para já, posso revelar que o nome escolhido para encabeçar a Direcção é o do nosso prezado amigo Sr. Humberto Martins, um nome de todos conhecido e por todos respeitado, visto ser um dos «antigos» de exemplar dedicação pelo Escotismo, cujo ideal interpreta da forma mais pura e elevada. No Conselho Nacional não se projecta introduzir qualquer alteração, porquanto as individualidades que o compõem são figuras destacadas com que o nosso movimento muito se honra de contar. Estas listas serão submetidas à votação por proposta da Direcção a que presido.

— Caminha-se, então, a largas passadas para que a vida da Fraternal entre na normalidade, não é verdade?

— Tudo indica que sim. Até lhe posso dizer que há o desejo de que o Conselho Nacional reúna antes de 23 de Abril, a fim de que, nesse dia, seja possível dar a posse aos novos dirigentes. Nesta ordem de ideias, efectuou-se uma reunião da Direcção, dias antes da Páscoa, onde foram revistas as contas, as quais, depois de fechadas, foram colocadas à apreciação do Conselho Fiscal.

«Envidando todos os esforços para alcançar esse objectivo, a Direcção começou logo a preparar o relatório. Se não for possível aprontar as coisas no prazo desejado, uma coisa é certa: o Conselho Nacional reunirá numa data não muito distante de 23 de Abril.

Falámos depois da vida associativa da Fraternal. O Dr. Eugénio Ramos, um homem que sente com o coração os problemas do movimento, revela-nos as suas opiniões e pensamentos:

— A criação da Fraternal é uma obra magnífica de idealismo. Mas no aspecto realista também se justifica a sua organização. Somos poucos, é verdade, e isso faz com que a instituição funcione como se de uma família se tratasse. Por este motivo, não obstante este ambiente nos satisfazer sobremaneira, não creio, por outro lado, que dentro dela se possam levar a cabo grandes realizações.

«Há ainda factores, alguns de carácter geral, que impõem esta mediania na sua actividade: carência de espírito de reunião; população associativa reduzida; falta de actuação eficaz da Fraternal junto dos grupos existentes, falta de meios materiais, pois, por mais idealistas que queiramos ser, sem dinheiro não se pode fazer coisa de muito jeito.

«Sobre este último aspecto, dado que é costume dizer-se que uma direcção actuou bem desde que deixe saldo positivo nas contas, quero afirmar, a propósito, que, não há que ter preocupações, embora o dinheiro junto, porque os nossos recursos são limitados, não permita que nos abalancemos a grandes realizações.

«Penso que a ideia da Fraternal deve pairar acima de tudo. Por vezes, chego a imaginar que a sua organização deveria fugir ao formalismo habitual. Não haveria direcção, mas apenas uma secretaria, e a presidência seria tomada em cada reunião por consenso de todos. Porém, tudo isto, como vê, pertence a mundo ideal, bem diferente daquele que as necessidades impõem.

«Faço votos de que os que a seguir vierem nada encontrem que perturbe o seu trabalho. Comigo podem contar, não só para os auxiliar no que for preciso, como também para, com satisfação, salientar o que fizerem de bom ou, num sentimento de entreajuda, assinalar qualquer coisa de menos bom que porventura tenha sido feito.

E foi com estas palavras de puro companheirismo que o sr. Dr. Eugénio Ramos terminou as suas valiosas considerações. Ao agradecermos a afabilidade com que atendera as nossas pretensões, o ilustre membro da Fraternal rematou assim as suas considerações:

— Somos poucos, não há dúvida. Mas penso convictamente que é preferível que, sendo poucos, mantenhamos o espírito do ideal escotista, do que sermos muitos à custa desse espírito fraternal.

Joel Ribeiro

Um jogo de vez em quando...

de quem são os olhos?

A meio da sala da sede dos escoteiros atravessa-se uma espia na qual se estende um pano largo no qual se possam fazer dois buracos próximos um do outro e à altura média dos olhos dos jogadores. O pano deve ir até ao chão, de forma a que não possa ser visto sequer o calçado de quem estiver do outro lado.

Um dos escoteiros, munido de papel e lápis, passa para o outro lado da cortina. Os outros escoteiros, segundo a ordem indicada por quem estiver a dirigir o jogo, vão-se aproximando da cortina e espreitam pela mesma, conservando os olhos junto dos buracos, durante 30 segundos. O que está do outro lado procura reconhecer quem espreita escrevendo o seu nome no papel.

O dirigente do jogo escreve igualmente o nome dos escoteiros que vão espreitando. Pela comparação das duas listas, apuram-se os resultados.

O jogo continua até todos os escoteiros terem desempenhado o papel de observador. Ganha aquele que tiver menos faltas.

Além disso, quem tiver acertado em pelo menos 50% dos casos é considerado bom observador; se acertar em pelo menos 75% dos casos é um óptimo observador.

Dos Amigos do «Sempre Pronto»

VISITAS — No passado mês de Março, tivemos o grande prazer de receber a visita, em Lisboa, do nosso estimado amigo sr. Eduardo Subirá, de Barcelona, que foi portador de cordiais saudações dos nossos amigos antigos escoteiros daquela cidade.

Agradecemos-lhe, penhorados, a atenção que teve para connosco.

MUDANÇA DE RESIDÊNCIA — O nosso estimado assinante sr. António Augusto de Campos, um antigo escoteiro de Portugal, que há muitos anos residia em Alcobaça, acaba de se mudar para Leiria, onde fixou residência.

DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO — Tem continuado a registar boas melhoras este nosso dedicado amigo e antigo escoteiro do 1.º Grupo. Embora ainda submetido a um regime de convalescença que o seu estado de saúde exige, há fundamentadas esperanças de que em breve possa retomar a sua actividade clínica. Sinceramente lhe desejamos um pronto restabelecimento.